

PERSPECTIVAS AMPLIADAS SOBRE EDUCAÇÃO: DA ERA MODERNA À ATUALIDADE

Janice Inchauspe Pereira¹

Os fatores determinantes da interminável crise na educação são diversos e complexos. A dinâmica do contexto educacional reproduz a da existência, em que as crises são certas e têm a função de revelar necessidades e de promover transformações. Uma longa trajetória nesse cenário permite constatar a dificuldade de considerar e lidar com os aspectos subjetivos dos envolvidos no processo, assim como com sua complexidade. Prioriza-se o conteúdo quando se sabe que os estados subjetivos se impõem. As dificuldades para compreender as situações individuais, especialmente nos processos de educação formal, interferem cotidianamente e são um obstáculo significativo na ampliação da consciência tão essencial para que ocorram as transformações desejadas.

Para subsidiar o exame do tema, optou-se por explorar perspectivas de autores clássicos, assim como de pesquisadores contemporâneos, sendo que destes últimos foram escolhidas aquelas publicadas em periódicos eletrônicos no período de julho a setembro de 2018. O ponto de partida foi a perspectiva psicológica de **Carl Gustav Jung**², criador da psicologia analítica, por abordar o tema já no início do século passado e fazer recomendações relevantes para educadores e pais.

Jung (1986), em conferência proferida no Congresso Internacional de Educação em Heidelberg, em 1925, tratou da importância do inconsciente considerado essencial no processo que denominou de “educação individual”. Na referida conferência, abordou três espécies de educação: a educação pelo exemplo, que ocorre de forma espontânea, inconsciente e por meio de processos identificatórios; a educação coletiva consciente, que pressupõe que os indivíduos são formados de acordo com regras, princípios e métodos e sugere equilíbrio entre as necessidades individuais e de conformidade com o grupo; e a educação individual, cujo pressuposto é o de que os conteúdos inconscientes precisam ser acessados e trazidos à consciência. Afirma que “apenas na consciência algo pode ser corrigido. O que é inconsciente permanece inalterado” (1986, p. 158). Ele considera que a educação individual deve promover o desenvolvimento das individualidades e que as

¹ Doutora em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Mestre em Educação, pela PUCRS; Especialista em Psicologia Escolar, pela mesma instituição de ensino; e Psicóloga. Atualmente, é professora e Coordenadora do Curso de Psicologia, na Faculdade IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. E-mail: janice@acad.ftec.com.br

² Carl Gustav Jung era suíço, médico psiquiatra e psicoterapeuta.

resistências ou dificuldades enfrentadas nesse processo precisam ser trabalhadas no contexto individual.

Questiona os programas de ensino por “pecarem contra” a singularidade psíquica de educandos e afirma que

acontece com relativa frequência que não são apenas determinadas regras pedagógicas que encontram resistência, mas toda a atuação educativa. Isso ocorre frequentemente com pessoas neuróticas. O professor ou educador sentir-se-á inclinado a atribuir dificuldade à qualquer disposição doentia do aluno (JUNG, 1986, p. 158).

Recomenda um exame atento ao contexto familiar, já que nele se pode encontrar explicação para as dificuldades reveladas. Sabe que “o educador não tem a possibilidade de mudar essas circunstâncias domésticas, ainda que algumas vezes bons conselhos possam como que operar um milagre nos pais da criança. Em geral, é no educando mesmo que o mal deve ser curado” (JUNG, 1986, p. 158). O autor refere que hábeis educadores conseguiram acessar a psique dos educandos e puderam compreender, por meio da investigação da história individual, os efeitos do contexto na alma da criança.

Nessa conferência, Jung (1986) destaca o papel da análise e interpretação dos sonhos no processo de trazer à consciência conteúdos inconscientes, assim como evidencia a importância dos sonhos na revelação desses conteúdos. Para finalizar, depois de esclarecimentos sobre a dinâmica dos sonhos e dos sonhadores, afirma que:

Afinal, o mais importante é que consigamos levar à consciência as compensações inconscientes, para com isso superar as parcialidades e falhas da consciência. Enquanto os outros métodos educacionais forem eficientes e úteis, não precisamos recorrer ao inconsciente. Seria até um erro perigoso da arte pedagógica substituir os métodos aprovados e conscientes pela análise do inconsciente. Este último método deve ficar reservado, com o máximo de rigor, apenas para os casos em que nenhum outro método produza efeito; mesmo então, só deverá ser empregado por médicos especializados ou por leigos sob o controle e a orientação de um especialista (JUNG, 1986, p. 169).

A partir dessa perspectiva, realizou-se um levantamento de publicações que atualmente circulam nas diversas mídias, com a intenção de apresentar diferentes perspectivas teóricas e históricas sobre o tema, de modo a reexaminá-lo para encontrar subsídios que ampliem a compreensão do processo de educação, assim como o da formação de educadores e profissionais. O resultado desse levantamento contendo as principais contribuições desses profissionais, encontradas nos referenciais arrolados, será apresentado a seguir.

Destaca-se, inicialmente, a contribuição de **Edgar Morin**³ à especialização, simplificação e fragmentação de saberes, quando propõe o conceito da complexidade. O autor considera que a separação artificial dos conhecimentos em disciplinas, no modelo ocidental de ensino, prioriza a adaptação do indivíduo à sociedade, mas dificulta a compreensão de si mesmo e do mundo. Morin (2017) entende a educação como um processo que deve minimizar o erro e a ilusão, promover a compreensão humana e, por meio de uma visão transdisciplinar, uma relação dialética entre razão e emoção. Afirma que “é preciso educar os educadores”, para que possam criar meios de transmissão de conhecimento que estejam a serviço, especialmente, da curiosidade dos alunos e que as restrições impostas pela visão do conhecimento dividido em disciplinas deve ser superada por meio do diálogo com outros campos de conhecimento, o que poderá promover as transformações desejadas.

O segundo autor, **Cláudio Naranjo**⁴ é considerado pioneiro na integração da psicoterapia e das tradições espirituais por ter desenvolvido teorias importantes sobre tipos de personalidade e comportamentos sociais. Dedicou sua vida a ajudar as pessoas em suas buscas de transformação. Acredita que apenas uma transformação radical da educação poderá mudar o curso catastrófico da história. Em 2006, criou a Fundação Cláudio Naranjo, cujo objetivo é difundir suas propostas para a transformação da educação tradicional em uma educação que priorize o desenvolvimento humano e que seja realizada de forma integrada a nossa evolução social. Há mais de três décadas, ele e a referida fundação pregam que os educadores devem ser mais amorosos, afetivos e acolhedores.

Critica o sistema educacional por diversos motivos, pois entende que:

Temos um sistema que instrui e usa de forma fraudulenta a palavra educação para designar o que é apenas a transmissão de informações [...] Como esse monte de informações pode ser mais importante que o autoconhecimento de cada um? A palavra educação é usada para designar algo que se aproxima de uma lavagem cerebral. É um sistema que quer um rebanho para robotizar. A criança é preparada, por anos, para funcionar num sistema alienante, e não para desenvolver suas potencialidades intelectuais, amorosas, naturais e espontâneas (NARANJO, 2015, n. p.).

Naranjo (2015) propõe uma educação para a consciência e para o desenvolvimento da mente. Após quarenta anos de pesquisas, a Fundação Cláudio Naranjo criou um método para a formação de educadores que consiste em preparar os professores “para que se

³ O francês Edgar Morin é antropólogo, sociólogo, filósofo, pesquisador emérito do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*), graduado em Direito, História e Geografia. Morin também realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. É autor de mais de 30 livros, dentre os quais destacam-se *Os sete saberes necessários à educação do futuro* e *Cabeça bem feita*.

⁴ O psiquiatra chileno Claudio Naranjo formou-se em Medicina na Universidade do Chile; especializou-se em Psiquiatria, em Harvard, e foi professor da Universidade de Berkeley (EUA).

aproximem dos alunos de forma mais afetiva e amorosa, para que sejam capazes de conduzir as crianças ao desenvolvimento do autoconhecimento, respeitando suas características pessoais” (NARANJO, 2015, n. p.). O autor constata que esse é o caminho para formar pessoas mais benévolas, solidárias e compassivas. Sente falta do amor no mundo da educação.

Em contrapartida, o tema da inteligência emocional é um pouco mais disseminado. Parece existir para dar início a um processo de tomada de consciência das emoções, mas não tem o desejado impacto transformador. Como o que é intelectual tende a ser valorizado, a expressão “inteligência emocional” é mais divulgada e aceita, o que evidencia a dificuldade de trabalhar os aspectos emocionais envolvidos no processo de educação. Naranjo (2015, n. p.) enfatiza que a dimensão emocional é tratada de forma preconceituosa, o que considera um absurdo, pois “quando implementamos uma didática afetuosa, o aluno aprende mais facilmente qualquer conteúdo”.

O autor critica o sistema de educação atual por desperdiçar talentos, rotulando-os como transtornos e distúrbios. Lembra o que Humberto Maturana, cientista chileno, explicou sobre educação:

que a membrana celular não deixa entrar aquilo que ela não precisa. A célula tem um modelo em seus genes e sabe o que necessita para construir-se. Um eletrólito que não lhe servirá, não será absorvido. Podemos usar essa metáfora para a educação. As perturbações da educação são uma resposta sã a uma educação insana. As crianças são tachadas como doentes com distúrbios de atenção e de aprendizado, mas em muitos casos trata-se de uma negação sã da mente da criança de não querer aprender o irrelevante. [...] nossos estudantes não querem que lhe metam coisas na cabeça. O papel do educador é levá-lo a descobrir, refletir, debater e constatar. Para isso, é essencial estimular o autoconhecimento, respeitando as características de cada um. Tudo é mais efetivo quando a criança entende o que faz mais sentido para ela (MATURANA *apud* NARANJO, 2015, n. p.).

Naranjo (2015, n. p.) relembra ainda que o surgimento da educação que conhecemos hoje ocorreu no início da era industrial.

Foi uma traição ao ideal do pai do capitalismo, Adam Smith, que escreveu *A riqueza das Nações*. Ele era professor de filosofia moral e se interessava muito pelo ser humano. Previu que o sistema criaria uma classe de pessoas dedicadas todos os dias a fazer só um movimento de trabalho, a classe de trabalhadores. Previu que essa repetição produziria a deterioração de suas mentes e advertiu que seria vital dar a eles uma educação que lhes permitisse se desenvolver, como uma forma de evitar a maquinização completa dessas pessoas. Sua mensagem foi ignorada. Desde então, a educação funciona como um grande sistema de seleção empresarial. É usada para que o estudante passe em exames, consiga boas notas, títulos e bons empregos. É uma distorção do papel essencial que a educação deveria ter.

Destaca o papel dos pais na transformação desse modelo e sugere que eles reflitam seriamente “sobre o fato de que a educação não pode se ocupar só do intelecto, mas deve formar pessoas mais solidárias, sensíveis ao outro, com o lado materno da natureza menos

eclipsado pelo aspecto paterno violento e exigente” (NARANJO, 2015, n. p.). Educar, segundo a UNESCO, é “ensinar a criança a ser”. A conscientização dos pais sobre essa condição se faz essencial para as transformações que são identificadas há tanto tempo por tantos estudiosos e investigadores, mas não são implementadas e perpetuam um sistema que não investe no desenvolvimento integral das pessoas.

O terceiro autor selecionado foi **Antônio Damásio**⁵, que se interessa pelos grandes questionamentos humanos e por diversas áreas do conhecimento. Passou pela engenharia, cinema, literatura e filosofia até decidir, finalmente, pela neurociência. Sua trajetória de vida e sua forma de pensar, sustentam a realização de um trabalho que simboliza a complexibilidade de cérebro humano. No livro *A Estranha Ordem das Coisas*, Damásio (2018) reafirma a importância das humanidades na formação de pessoas e cientistas. Sustenta a tese de que os sentimentos são criadores de consciência e motores da ciência.

Entende que grande parte dos sentimentos experimentados estão relacionados às coisas mais valiosas da vida, as que verdadeiramente contam: a própria vida, a doença, a dor, o sofrimento, a morte, o desejo, o amor, o cuidado com os outros e, simultaneamente, os crimes, os medos, as raivas, os ódios, contrários àquilo que é considerado o bom da vida e que pode provocar sofrimento e perda. Tudo isso que organiza ou desorganiza nossa vida é transmitido por valores concebidos como bons e maus e constituem a essência dos sentimentos. Portanto, os sentimentos podem ser definidos como representações do estado da nossa vida, mas são representações qualificadas.

Um dos problemas que inquietam o autor é a dificuldade das pessoas de perceberem que a inteligência, ou a nossa mente, vai só até certo ponto e, a partir daí, tem uma qualificação. Essa qualificação, que é descrita como agradável ou desagradável, boa ou má, estabelece a grande diferença entre inteligência humana (no sentido mais completo) e mente humana. Falta a qualificação à inteligência artificial, por exemplo. Sem menosprezar a inteligência artificial e todas as contribuições desse campo de tecnologia e ciência, lamenta que poucas pessoas desse contexto tenham compreendido que a inteligência artificial

é uma pálida ideia daquilo que é a inteligência humana no seu real, ou seja, o humano, muito por via dos sentimentos, não pode ser replicado artificialmente. Há uma grande diferença entre simulação e duplicação. O que a inteligência artificial faz, e muito bem, é uma simulação, e com capacidades extraordinárias, muito superiores àquelas que temos. Enquanto a vida concebida no sentido da inteligência artificial não tem nada a ver com aquilo que a vida é. A vida é outra coisa. A vida é

⁵ O português Antônio Damásio é médico neurologista, é neurocientista e trabalha com o estudo do cérebro e das emoções humanas. É também professor de Neurociência na Universidade do Sul da Califórnia (EUA).

uma coisa venerável, confusa, efusiva. A grande arte nos dá isso e a grande literatura dá isso extraordinariamente. Quando não se inclui esse componente de confusão, efusividade, aquilo que pode ser qualificável de bom ou de mau, perde-se uma grande parte do que é a vida (DAMÁSIO, 2018, n. p.).

Damásio circula no campo da subjetividade, o que considera extremamente importante. Quer dar objetividade científica àquilo que é subjetivo e que define como consciência. Sabedor dos desacordos e conflitos que existem sobre o que é consciência afinal, reconhece a impossibilidade de distinguir, tecnicamente, sentimento e consciência. Considera que, do ponto de vista evolutivo, é muito provável que o sentimento tenha sido o princípio da consciência. Afirma que “temos é uma grande possibilidade, muito rica, de juntar subjetividades dentro da nossa mente. A nossa mente é toda feita de subjetividades” (2018, n. p.).

De acordo com o autor, os sentimentos fundam e motivam o desenvolvimento científico. Atribui a eles, ou ao afeto em geral, três papéis:

primeiro, motivadores, depois monitores e depois negociadores. Uma coisa é motivar, outra é a monitorização e a outra é a negociação de quando as coisas correm mal ou bem demais. Há constantemente ajustes. Há pessoas que, perante dois advogados a discutirem um contrato, ou dois políticos a discutirem um tratado, são capazes de pensar que isso está a acontecer num plano puramente intelectual; não está. Acontece num plano intelectual e acontece com toda a miríade de alterações que têm a ver com a forma como uma das pessoas apresenta o argumento e como a outra o recebe. Tudo isso é uma negociação que está a ser feita não só num plano de conhecimento e razão, coisas que se podem dizer objetivas e frias, mas também nesse outro plano que tem a ver com a forma como a negociação está a correr do ponto de vista afetivo. Essa é a realidade (DAMÁSIO, 2018, n. p.).

Constata que as pessoas tendem a falar de emoções de um ponto de vista negativo e que são evitadas, pois parecem atrapalhar o funcionamento objetivo, o denominado “bom raciocínio”. Assim, as emoções más produzem a irracionalidade. Damásio (2018, n. p.) afirma que isso “é um disparate completo, porque é limitar o âmbito das emoções ao negativo. Há emoções muito positivas: ter compaixão, gratidão, desejo de ajudar, cooperar. O amor!”.

Ao comparar as dimensões objetiva e subjetiva da mente, retoma os avanços tecnológicos e afirma que

as pessoas que descobriram o *big data*, falam de como um grupo de computadores pode ler uma enorme quantidade de dados e tirar uma conclusão extremamente nova, verificando que aquilo é o que se deve fazer. Mas isso que o computador está fazendo é aquilo que a intuição humana faz há milhões de anos” (DAMÁSIO, 2018, n. p.).

Esclarece também que

o nosso cérebro é um *big data system* que tem imenso conhecimento do que é a nossa vida interior fisiológica e sobre o que é, e tem sido, a nossa vida em geral. E esse *big data system* está constantemente a dar-nos um dado institucional que é extremamente importante para a nossa vida. Tudo isso vem do lado das emoções e faz parte do que se poderia chamar inteligência emocional. Não uso o nome porque não acho que haja uma inteligência emocional e uma não emocional. Há inteligência (DAMÁSIO, 2018, n. p.).

O quarto autor selecionado é **Francisco Mora**⁶, que investiga o tema neuroeducação desde 2010, e é autor do livro *Neuroeducación - solo se puede aprender aquello que se ama*. Afirma que o cérebro precisa se emocionar para aprender. De acordo com o pesquisador,

o que a neuroeducação faz é transferir a informação de como o cérebro funciona com a melhoria dos processos de aprendizagem. Por exemplo, saber quais estímulos despertam a atenção, que em seguida dá lugar à emoção, pois sem esses dois fatores nenhuma aprendizagem ocorre. O cérebro humano não mudou nos últimos 15.000 anos; poderíamos ter uma criança do paleolítico inferior numa escola e o professor não perceber. A educação tampouco mudou nos últimos 200 anos e já temos algumas evidências de que é urgente fazer essa transformação. Devemos redesenhar a forma de ensinar (MORA, 2018, n. p.).

Para que isso ocorra,

É necessário despertar a curiosidade, que é o mecanismo cerebral capaz de detectar a diferença na monotonia diária. Presta-se atenção àquilo que se destaca. Por isso, é preciso acender uma emoção no aluno, que é a base mais importante sobre a qual se apoiam os processos de aprendizagem e memória. As emoções servem para armazenar e recordar de uma forma mais eficaz (MORA, 2018, n. p.).

Acrescenta que “os elementos desconhecidos que nos surpreendem são aqueles que abrem a janela da atenção, imprescindível para a aprendizagem” (MORA, 2018, n. p.). Sobre o que denomina “neuromitos”, adverte para o erro de considerar que as pessoas utilizam apenas uma parte muito pequena do cérebro, pois

nada pode substituir o lento e difícil processo do trabalho e da disciplina quando se trata de aumentar as capacidades intelectuais. [...] o cérebro utiliza todos os seus recursos a cada vez que se depara com a resolução de problemas, com processos de aprendizagem ou de memória (MORA, 2018, n. p.).

Outro erro, segundo o autor, está relacionado às supostas diferenças entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro: “essa dicotomia não existe e a transferência de informações entre os dois hemisférios é constante. Se temos talentos mais próximos da

⁶ O espanhol Francisco Mora é Doutor em Medicina, pela Universidade de Granada - Espanha, e em Neurociências, pela Universidade de Oxford (EUA). É catedrático de Fisiologia Humana, na Faculdade de Medicina da Universidade Complutense de Madrid, e de Fisiologia Molecular e Biofísica, na Faculdade de Medicina da Universidade de Iowa (EUA).

matemática ou do desenho, isso não se refere aos hemisférios, mas à produção conjunta de ambos” (MORA, 2018, n. p.).

Por fim, destaca-se **Antônio Nóvoa**⁷ que aborda o desenvolvimento pessoal do professor. O autor propõe que a formação estimule uma abordagem crítico-reflexiva que considere a formação como "um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (NÓVOA, 1992, p. 25). Lembra que a

formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1992, p. 25)

Essa experiência (ação) consolida a formação que é dinâmica e caracterizada por um processo de vai e vem, que contém avanços e recuos. Constrói-se justamente na relação entre saber e conhecimento e tem como cerne a identidade pessoal.

É necessário um trabalho centrado na pessoa do professor e na sua experiência, o que é ainda mais relevante nos períodos de crise e de mudança, já que uma das principais fontes de stress está relacionada com o sentimento de ter perdido o domínio das situações. O autor adverte para a necessidade de um tempo para acomodar as inovações e as mudanças, para refazer as identidades. Refere que

o triplo movimento sugerido por Schon (1990) - conhecimento na acção, reflexão na acção e reflexão sobre a acção e sobre a reflexão na acção - ganha uma pertinência acrescida no quadro do desenvolvimento pessoal dos professores e remete para a consolidação no terreno profissional de espaços de (auto)formação participada. Os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a "sua" vida, o que no caso dos professores é também produzir a "sua" profissão (SCHON, 1990 apud NÓVOA, 1992, p. 27)

É essencial lembrar que a troca de experiências e a partilha de saberes “consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando” (NÓVOA, 1992, p. 26). Para que isso ocorra, o diálogo entre os professores é fundamental. Mas observa-se que “a organização das escolas parece desencorajar um conhecimento profissional partilhado dos professores, dificultando o investimento das experiências significativas nos percursos de formação e a sua formulação teórica” (NÓVOA, 1992, p. 26).

⁷Antônio Nóvoa é português, professor universitário, doutor em Ciências da Educação (Universidade de Genebra) e História Moderna e Contemporânea (Paris-Sorbonne). Atualmente, é professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e reitor honorário da mesma universidade.

Entende que a formação de professores deve ser concebida como um dos componentes da mudança, não como uma espécie de condição prévia da mudança. Assinala que

a formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola. É esta perspectiva ecológica de mudança interativa dos profissionais e dos contextos que dá um novo sentido às práticas de formação de professores centradas nas escolas” (NÓVOA, 1992, p. 29).

Como se pôde verificar, mesmo em épocas e perspectivas diferentes, os autores evidenciam coincidências significativas em suas análises do tema. Apontam para a necessidade da reeducação dos educadores como uma das alternativas para transformar efetivamente a educação, e sugerem que a base de tudo é o trabalho dos indivíduos e sua subjetividade inseridos num mundo complexo com vistas à ampliação da consciência.

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, Antônio. **Shakespeare é o maior neurocientista**. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/antonio-damasio-shakespeare-e-o-maior-neurocientista/26.06.2018>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MORA, Francisco. **O cérebro precisa se emocionar para aprender**. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/o-cerebro-precisa-se-emocionar-para-aprender-francisco-mora/23.06.2018>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MORIN, Edgar. **É preciso educar os educadores**. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores/02.01.2017>>. Acesso em: 05 set. 2018.

NARANJO, Cláudio. **A educação atual produz zumbis**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/05/claudio-naranjo-a-educacao-atual-produz-zumbis.html/31.05.2015>>. Acesso em: 10 set. 2018.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 12-33.